

Estudos Culturais em debate

Rovilson Robbi Britto

**JANOTTI JÚNIOR, J. ; GOMES,
I. M. M. (Orgs.). (2011).**
Comunicação e Estudos Culturais.
Salvador: Editora da UFBA, 197 p.



Resumo: Os autores estabelecem diálogos importantes com os clássicos dos Estudos Culturais britânicos e latino-americanos, evidenciando análises e questões metodológicas que auxiliam numa leitura ampla da cultura contemporânea e do papel da mídia a partir deste campo teórico. Na segunda parte do livro encontramos também debates sobre temáticas mais específicas, como a música e a questão do entretenimento.

Palavras-chave: Estudos Culturais; cultura contemporânea; mídia

Abstract: Cultural Studies in debate. The authors establish important dialogues with the classics from British Cultural Studies and Latin American ones, demonstrating analyses and methodological issues that assist in a wide reading of contemporary culture and the role of the media from this theoretical field. In the second part of the book we also find debates about more specific topics, such as music and the entertainment issue.

Keywords: Cultural Studies; contemporary culture; media

O livro *Comunicação e Estudos Culturais*, organizado por Jeder Janotti Junior e Itania Maria Mota Gomes, publicado pela editora da UFBA, inscreve-se numa das características mais importantes dos Estudos Culturais: a do diálogo. A publicação é marcada por diálogos com os clássicos britânicos e latino-americanos. Mas temos aí também: algumas apresentações de novos autores, de pesquisadores ligados a instituições e regiões brasileiras distintas e de perspectivas teórico-metodológicas diversos.

Seu valor está, antes de tudo, em estabelecer uma relação sinérgica entre aqueles que estão pesquisando e desenvolvendo trabalhos a partir dos Estudos Culturais, ajudando a construir uma tradição plural, como é indispensável, deste modo de analisar sociedade e comunicação no Brasil.

Digo construção porque, apesar de os Estudos Culturais já terem lançado raízes importantes no debate brasileiro, ainda existe uma profunda assimetria entre sua presença e a das abordagens tradicionais: funcionalismo e teoria crítica e suas variáveis. Assim, articular, estabelecer diálogo e sinergia entre os que estão empenhados nesta construção tem valor altamente decisivo e esta publicação se insere neste processo.

Como afirma Stuart Hall (2003, p. 131), não existem inícios absolutos no trabalho intelectual. Entretanto, o campo que chamamos de Estudos Culturais tem nas obras de Hoggart, Williams e Thompson um referencial fundante e seminal. E é buscando reler estas origens que Escosteguy vai nos brindar com a análise de uma destas obras iniciais do campo: *As utilizações da cultura*, de Hoggart.

A autora nos auxilia no entendimento de como surgiu a crítica às leituras culturais que menosprezavam a realidade e a experiência do homem simples. E mais, como Hoggart vai promover uma certa celebração da resistência da classe trabalhadora em relação aos valores “impostos”, além de sugerir a existência de uma cultura própria, que sofre influência da chamada cultura de massa, e que, no entanto, é distinta dela. Ali podemos identificar todo um repertório que posteriormente irá se configurar no paradigma de resistência nos estudos de recepção.

Não bastasse tal deslocamento, o texto também dá importante contribuição para a definição de cultura [que é ao mesmo tempo o conceito de sutura do campo e de tensões permanentes, como afirma Hall (2003, p. 134)] e para a proposta concreta de um método de “leitura” essa cultura dos trabalhadores.

Também Williams é chamado ao debate. Gomes analisa o conceito de estrutura de sentimento na obra do autor. No trajeto, emerge uma das contribuições mais importantes de Williams: o conceito de determinação, presente no marxismo e, durante muito tempo, motivo de leituras empobrecidas. O autor resolverá a contenda de maneira equilibrada: primeiro, porque demonstra que a chamada infraestrutura não é um objeto paralisado, e sim um domínio de atividades produtivas que constituem a base de todas as outras atividades humanas. Segundo, porque propõe pensar a determinação não como determinista, mas como fixação de limites, salvando a leitura o simplismo.

A autora registra ainda a importância de Gramsci no trabalho de Williams e o desenvolvimento dado pelo autor ao debate de hegemonia sobre as noções de cultura dominante, residual e emergente, que nos auxilia sobremaneira na leitura do conflito e das perspectivas.

O terceiro clássico a comparecer na publicação é Stuart Hall, por intermédio de um texto de Sovik, autora que deu importante contribuição para um maior conhecimento de Hall no Brasil, organizando o livro *Da diáspora – Identidades e mediações culturais* (2003), pela editora da UFMG.

Em *Pensando com Stuart Hall*, Sovik vai discorrer sobre os textos mais influentes do autor no Brasil e, principalmente, problematizar opções temáticas e metodológicas. Começa pelo talvez mais conhecido: *Identidade Cultural na Pós-Modernidade* (2003), que originalmente foi publicado como capítulo de um livro com o título original: *The Question of Cultural Identity*. Segundo a autora, este texto é “uma espécie de alfabetização em Sociologia da Identidade”.

Ressalta que o autor tem como uma de suas preocupações teóricas centrais a elaboração de um método para a análise de conjuntura e estratégias democratizantes. Afirma que, por engajamento, Hall optou por dedicar-se mais à temática racial que conduzir os debates mais gerais do campo dos Estudos Culturais. Dessa forma, a autora e Hall dedicam especial atenção ao tema racial e sua relação com o conjunto da trajetória do autor.

O texto de Jacks é mais abertamente um diálogo que extrapola a já elástica fronteira dos Estudos Culturais, ao buscar fazer pontes com a vertente analítica desenvolvida pelo dinamarquês Klaus Jensen, chamada Análise de Recepção. O referencial para estas análises é o de uma “sociedade triádica”, conceito que segundo a autora estabelece relação entre estruturas, meios de comunicação e ação humana.

Especial destaque neste diálogo tem o conceito de “repertórios interpretativos” que substitui ao de “comunidade interpretativa”. Para Jensen, segundo a autora, estes repertórios medeiam de forma diferenciada o consumo, a decodificação e o impacto dos meios.

A partir do diálogo que trava com a obra de Jensen, Jacks propõe que os estudos de recepção busquem, realmente, uma abertura para a “inter, multi, transdisciplinaridade, como estratégia de enfrentamento da complexidade do fenômeno” (JACKS, 2011, p. 73).

Dos clássicos britânicos passamos às referências latino-americanas. Aqui o primeiro a comparecer é Jesús Martín-Barbero, no texto de Ronsini. A autora tratará dos mapas de mediações propostos pelo autor e da “totalidade possível para a recepção: o contexto social e cultural, o receptor e sua posição de classe, o texto midiático” (RONSINI, 2011, p. 76). Ela confrontará dois modelos diferenciados das mediações comunicativas da cultura propostos em momentos distintos por Barbero.

O caminho escolhido procura repor, ao que parece, a verve que o marxismo emprestou à produção de Birmingham, numa relação com a análise de recepção e mediações de Barbero. Proposta promissora, mas que não pode ser realizada sem um apurado processo no qual se faz necessário cotejar visões e perspectivas que, em parte, são distintas e até contraditórias.

O deslocamento das técnicas para as mediações sociais constituiu uma contribuição decisiva, quanto mais num tempo em que discursos de neodeterminismo tecnológico crescem como erva daninha. Mas, em Barbero, encontramos também a crítica ao marxismo e aos danos que o mesmo teria causado ao insistir no conceito de classe e erodir o de povo. Talvez o ponto de sutura possível entre Barbero e esta tradição marxista de Birmingham só possa ser promovida através do pensamento de Gramsci. Ora, as pistas desta apropriação

fazem-se presentes, no texto, quando é apresentada a questão da hegemonia enquanto categoria de análise que se quer como referência.

Fernandes e Herschmann assumem a tarefa de trazer Canclini para os diálogos. E vão trazê-lo através da análise da interculturalidade e de políticas culturais para a América Latina.

No debate da interculturalidade o conceito que ilumina, mas que também traz tensão, divergência e polêmica, é o da hibridação, proposto por Canclini desde *Culturas Híbridas* (2000).

Contudo, mesmo com as inúmeras objeções que o conceito sofreu, muitas delas já refutadas pelo próprio autor, e que conseguiram até fazer com que Canclini desenvolvesse e precisasse mais sua visão, o conceito de híbrido e ainda mais a análise dos contatos interculturais que geram a hibridação aparecem como indispensáveis na análise das intensas e assimétricas trocas e combinações. Claro, sem prejuízo do uso de outros conceitos, como negociação, contradição, exclusão.

Em seus périplos pelas análises de Canclini, Fernandes e Herschmann procuram destacar como o cultural, ao invés de impulsionador destes processos de trocas da globalização, ainda aparece como obstáculo, além de ressaltar como decisivo o papel do “outro” na constituição da identidade.

Na segunda parte do ensaio, buscam “[...] ter em conta as articulações e tensões, entre mercado, identidades culturais locais/regionais e processos comunicacionais presentes [...]”. E ressaltam um desafio estabelecido por Canclini, completamente atual: encontrar uma alternativa para a inclusão da cultura latino-americana no mundo globalizado. Um desafio que só pode ser enfrentado a partir de uma articulação mais ampla da macrorregião.

O ensaio seguinte é instigante. Já que Ortiz, em que pese adotar sistematicamente temáticas e teorias que o aproximam dos Estudos Culturais, não se considera pertencente a este campo de estudos. Trotta, com um cuidado adequado, vai analisar suas temáticas de modernidade, modernização e cultura popular, através dos “estudos brasileiros de cultura”.

A polêmica de pertencimento ou não ao campo dos Estudos Culturais, conforme afirma Trotta, “tem grande potencial para tornar-se inócua” (TROTТА, 2011, p. 116). Assim, o autor passa ao que realmente interessa: os aportes inquestionáveis que Ortiz fez em temáticas completamente caras aos Estudos Culturais, em geral, e aos latino-americanos, em particular.

Uma obra de Ortiz, que já ganhou conotação de clássica, tem especial destaque no debate empreendido: *A moderna tradição brasileira* (2001). Quando falamos de estudos de cultura, temos que lidar, portanto, com a especificidade da formação de cada sociedade, de sua história, de seus processos. E a referida obra de Ortiz vai traçar com maestria um mapa da gênese do mercado de bens simbólicos brasileiros, suas injunções, suas características peculiares.

Trotta (2011, p. 123) registra como Ortiz introduz o debate sobre a cultura nacional-popular no Brasil e como esta cultura vai sendo recoberta pelo que o autor chamou

de “internacional-popular”, alertando assim para uma dimensão nova, que posteriormente foi ganhando centralidade no debate dos Estudos Culturais latino-americanos. Qual seja: os impactos da internacionalização da cultura na experiência de nossos povos, num processo analítico que em momento algum deixa de evidenciar as questões de poder, sempre lidas de maneira complexa.

O texto evidencia ainda o quanto Ortiz contribuiu para romper o senso comum de uma globalização vista de maneira excessivamente otimista e também para clarear o quanto a mesma é um momento novo, porém, com assimetrias de poder e disputas.

Pela polêmica que suscita, gostaria de destacar especialmente o ensaio de Prysthom, que procura romper com uma leitura crítica e contundente contra o chamado entretenimento e busca outra análise possível para o fenômeno. De Dyer ela vai empestar a ideia de que o entretenimento, como fuga e realização de desejo, assemelha-se ao utopismo, cumprindo então importante papel no imaginário.

Claro que a o entretenimento, desde as análises da Escola de Frankfurt, acabou por ser visto como a chave da desestruturação dos produtos culturalmente significativos. Mas Prysthom nos faz refletir sobre como as pessoas “usam” ou “enxergam” o entretenimento em suas vidas.

Tudo posto, muitas polêmicas fecundas, diálogos necessários e a oferta de análises, se não exatamente inovadoras, renovadoras. Leitura agradável e obrigatória para quem, dentro ou de fora do campo dos Estudos Culturais, procura entender a sociedade contemporânea, o papel do midiático e a constituição da cultura.

Rovilson Robbi Britto é doutor em Ciência da Comunicação pela ECA/USP e professor da Fapcom, Faculdade Belas Artes e Fecap. Autor do livro *Cibercultura, sob o olhar dos Estudos Culturais*. São Paulo: Paulinas, 2009.

rovilson.britto@terra.com.br